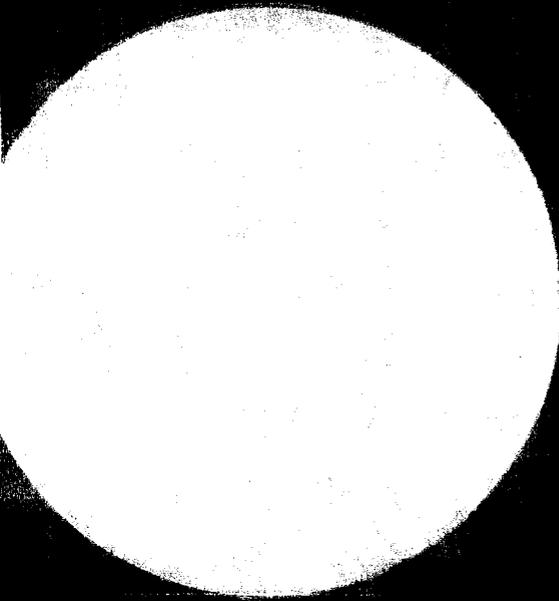


ORFEÃO
UNIVERSITÁRIO
DO PORTO



ORFEÃO

DIRECTOR - EDITOR	MANUEL JORGE CASTRO DOS SANTOS SECA
ADMINISTRADOR	JOSÉ AUGUSTO COUTINHO PEREIRA MONTEIRO
REDACTOR	MANUEL CARDOSO DE PINTO LEITE
ADJUNTO	JAIME DE SOUSA OLIVEIRA

Sumário

EM FOCO

O Ensino — Crise e Reforma de Estruturas	
— por Jaime Oliveira	1

BIOGRAFIA

Maestro Gunther Arglebe	3
--------------------------------	---

REPORTAGEM

Sarau Anual	
— por Repórter M.	4

CRÓNICA EM ORFEÃO

S. Tomé ilha maravilhosa...	
— por Pinto Leite	6

ORFEÃO NA VIDA

Rapariga de hoje... Mulher de amanhã	
— por Maria do Carmo	8

ORFEÃO NA AMÉRICA

— por A. Dias	9
----------------------	---

POESIA

3 Poemas de E. Osório Nunes	11
------------------------------------	----

CONTO EM ORFEÃO

O Sonho do Nascituro	
— por E. Osório Nunes	12

PONTO DE VISTA

— por Repórter M.	14
--------------------------	----

AO O. U. P.

«O corpo e as vozes»	
— por J. Oliveira	19

MISCELÂNEA

— compilada por Repórter M.	20
------------------------------------	----

em foco

O ENSINO

— CRISE E REFORMA DE ESTRUTURAS

Falar do ensino em Portugal é, forçosamente, insistir em pontos de vista inúmeras vezes repetidos e em soluções desde há muito preconizadas.

As considerações que se seguem pretendem ser uma nova contribuição para uma panorâmica do nosso ensino, com a preocupação de localizar as causas que o sufocam e propôr alguns meios de as eliminar.

Não se espere todavia, uma análise intensiva deste assunto, pois nem os propósitos nem as capacidades que presidiram e limitaram este trabalho, permitem tais veleidades.

AS REALIDADES E AS INSUFICIÊNCIAS DO ENSINO

Um sistema educacional vivo e actuante é a primeira condição para a promoção económica e social dum país, para a formação cívica e cultural dum povo.

No que se refere ao nosso ensino, parece não haver dúvidas em considerá-lo, na sua realidade actual, uma instituição arcaica e inoperante.

Na pesquisa e localização das causas responsáveis, no diagnóstico da «doença» e na terapêutica a aplicar é que surgirão as divergências que não serão, necessariamente, muito acentuadas (tão evidentes são os males...) e se o forem, só revelam um gosto pelos paliativos e um horror às decisões radicais ou, o que é mais lamentável, um desconhecimento das causas e realidades dos fenómenos.

A revisão e remodelação do ensino deve ser feita, naturalmente, com a participação de todos que a ele estejam ligados: estudantes, professores, inte-

lectuais, cientistas, dirigentes, etc., competindo aos especialistas propôr as soluções adequadas, com a condição prévia de exibirem qualidades que os credenciem, assim como uma noção apurada das neces-

por Jaime Oliveira

sidades e também um certo espírito de arrojo mental, que lhes permita sugerir linhas de rumo que porventura contrariem cânones tradicionais.

Impõe-se, afinal, libertar o nosso ensino do carácter anacrónico que actualmente possui. É todo um sistema a necessitar de revisão, de modificações estruturais e finalmente de reconstrução. Não é um simples problema de disposição ou substituição de peças, mas sim, e fundamentalmente, de recriação.

Para quem estuda nas nossas escolas é relativamente fácil apontar os males, geralmente evidentes sobretudo quando tocam a «pele» de cada um... De entre eles eis os mais facilmente detectáveis:

1) Deficientes instalações escolares cujas capacidades ficam aquém das exigências devidas ao número de alunos (obrigando à existência de turmas muito grandes e em pequeno número), e onde não há o mínimo conforto, indispensável a um bom rendimento de trabalho.

2) Falta de equipamento em material didáctico, patenteada em laboratórios e gabinetes insuficientemente apetrechados ou com material obsoleto, assim como a falta de meios de estudo no que respeita à publicação de livros e revistas de qualidade, destinadas, em especial, ao ensino universitário.

(Continua na pág. seguinte)

3) Falta de professores a provocar o encerramento de algumas escolas e a aglomeração de alunos noutras, e a obrigar, no ensino superior, ao contrato de finalistas para leccionarem cadeiras dos primeiros anos dos respectivos cursos.

4) Instrução deficiente ministrada aos alunos, a criar dificuldades na vida profissional, com todas as consequências negativas para a actividade económica nacional.

5) Existência de todo um processo de exames como meio de avaliação de conhecimentos, processo esse há muito reconhecido como abusivo, ineficiente e ultrapassado, pelo tempo que consome em cada ano lectivo, pelas características especiais, sem paralelo na vida real, de que se reveste a prestação de provas, pela subjectividade que preside à classificação das mesmas, e ainda pelo incentivo que representam para um trabalho de «encaixe» (transitório aliás) onde a memória desempenha um papel primacial. E vem a propósito referir o fenómeno das reprovações «em massa» em certas cadeiras (do ensino superior em especial), a fim de esclarecer que as classificações atribuídas são reflexas, isto é, não só vinculam as provas feitas pelos alunos mas também, e do mesmo modo, o trabalho realizado pelo professor durante o ano, para além de todas as insuficiências específicas do ensino em si...

6) Falta de uma investigação científica em grande escala, devidamente organizada e regulamentada, a preceder e a alimentar todo o ensino.

7) Existência de estabelecimentos de ensino distintos para os dois sexos, a nível primário e secundário, a dificultar uma convivência salutar e a todos os títulos benéfica, entre rapazes e raparigas, obrigando, além disso, a uma dispersão e a um dispêndio supérfluo de energias e recursos financeiros.

8) Quase inexistência de organismos integrados nas próprias escolas e que prossigam fins culturais (artísticos, científicos, desportivos) assim como a falta de realização, eventual ou permanente, de colóquios, congressos e cursos de especialização e actualização destinados a alunos e professores.

9) Falta de organizações de apoio e assistência a servir, dum modo económico e acessível, as necessidades dos estudantes em refeições, material escolar e artigos subsidiários. E o mesmo, no que se refere a edifícios residenciais, dormitórios, salas de estudo e convívio e ainda serviços médicos.

É certo que no capítulo de residências se vêm construindo «lares» destinados a universitários. Mas são instalações dispersas na cidade, afastadas das Faculdades, e que contribuem mais para o isolamento dos estudantes do que para o seu agrupamento, união e convivência.

A FUNÇÃO CULTURAL E SOCIAL DA ESCOLA. O ENSINO FORMATIVO. AS NECESSIDADES IMEDIATAS.

Compete à Escola, a par da formação profissional do indivíduo, contribuir para o desenvolvimento da sua cultura e emancipação intelectual.

Os seus objectivos não se podem limitar à «produção» de técnicos ou especialistas. É pela criação de indivíduos responsáveis e conscientes das estruturas em que se movimentam e dos condicionamentos que as definem, e de mentalidade aberta à inovação e ao progresso, que a Escola realiza a sua função cultural.

Mas se estes propósitos são necessários, não são de modo algum suficientes.

A função social da Escola continuará gravemente truncada, enquanto esta não se estender aos diversos níveis sócio-económicos da população e abrir as suas portas às classes de menos recursos, facilitando-lhes o acesso à instrução a que têm direito, libertando-o dos factores que o condicionam, quer pela criação do ensino gratuito ou subsidiado, quer pela introdução de regimes de aulas nocturnas, cursos por correspondência, etc. Estas medidas seriam, obviamente, aplicáveis a todos os graus de ensino.

Só assim a Escola poderá atingir os fins últimos a que se destina: — servir os superiores interesses do País. E estes interesses exigem que se aproveitem ao máximo as potencialidades de todos os indivíduos através do seu ingresso no ensino, de forma a permitir descobrir e cultivar capacidades, com todos os benefícios resultantes na promoção cultural e económica do cidadão e da classe, no seu aproveitamento profissional, e portanto, na sua utilidade à sociedade e à Nação.

E sabemos bem que, entre nós, não pode existir lugar para o luxo de perder tempo ou desprezar valores, numa altura em que tanto precisamos deles. É evidente que estes empreendimentos exigem grandes verbas, mas é bom não esquecer a extraordinária rentabilidade dum adequada aplicação de capitais no ensino, traduzida em resultados humanos e materiais largamente compensadores.

(Continua na pág. 13)

Maestro

GUNTHER ARGLEBE

Desde 1967 que o Coro do Orfeão Universitário do Porto passou a ser regido pelo Maestro Gunther Arglebe. Justo é, que através desta despretenciosa biografia, o demos a conhecer mais intimamente a todos os Orfeonistas quer actuais, quer antigos, e também a todas as outras pessoas, que de qualquer modo se interessam por tudo aquilo que esteja relacionado com o nosso Orfeão.

Gunther Arglebe, nascido no Porto a 5 de Outubro de 1933 iniciou aos 6 anos os seus estudos de violino, tendo aos 12 entrado para o Conservatório de Música, para cursar as disciplinas de flauta e violino, passando mais tarde para o curso de viola.

Começando assim, desde muito novo a gostar de música, o Maestro Gunther Arglebe foi no entanto aos 8 anos que, ao ouvir um concerto realizado nesta cidade pela Philarmónica de Berlim e dirigido pelo Maestro Hans Knappentsbusch, descobriu a sua verdadeira vocação: — Director de Orquestra.

Consciente daquilo que queria, continuou por diante os seus estudos musicais e ao fundar-se, em 1947, a Orquestra Sinfónica do Porto nela se integrou desde o primeiro ensaio como 3.º flautista, ascendendo rapidamente a 1.º. Mais tarde, e por motivos de saúde, teve de abandonar este instrumento, continuando porém, na Orquestra Sinfónica mas agora como violinista. Porém, como o sonho acalentado era dirigir orquestras e, porque, o curso não existisse em Portugal, deslocou-se a Munique onde frequentou um curso, para preparação de directores de orquestra, ópera e coros. Terminou, mais tarde, este curso em Wurzburg, na classe de Hans Reinartz com um exame de estado no Conservatório Estadual da Baviera.

No ano seguinte e, agora, como bolseiro da Fundação Gulbenkian, continuou seus estudos com o grande Mestre Hans Rosbaud.

Em 1962, regressa a Portugal e até 1965, como Director artístico da Orquestra de Câmara Pró-Música do Porto realiza cerca de quarenta concertos pelas seguintes localidades: Porto, Lisboa, Funchal, Coimbra, Viseu, Viana do Castelo, e ainda na Emissora Nacional e Rádio Televisão Portuguesa.

Seguidamente, cria na Juventude Musical do Porto,

um coro com o qual realiza diversos concertos com orquestra, interpretando Cantatas e Oratórias.

Cria com elementos recrutados nesta cidade um conjunto de ópera, levando à cena obras como: «Bastien e Bastienne» de Mozart (1962); «Dido e Eneas» de Purcell (1965) e «Il Filosofo di Campagna» de Galuppi (1966).



Maestro Gunther Arglebe
Regente do Orfeão Universitário do Porto

Em 1967, é então criado o Círculo Portuense de Ópera, com o qual, e ainda com elementos locais, leva à cena a ópera «RITA» de Donizetti.

Também é neste ano, que o Maestro Gunther Arglebe é nomeado Regente do Orfeão Universitário do Porto e Maestro sub-Director da Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional.

(Continua na pág. 19)

ORFEÃO

REPORTAGEM

SARAU ANUAL

«Antigos Orfeonistas que dentro em pouco subireis ao palco, para connosco cantar «A Proposição», podeis fazê-lo com o coração em júbilo, os Orfeonistas de hoje tudo farão para merecer o glorioso passado que lhes legastes!»

São sem dúvida estas as palavras, que traduzem toda uma variedade de emoções, que envolvem a preparação do Sarau Anual do Orfeão Universitário do Porto.

Vai realizar-se mais um destes Saraus, desta feita, seguindo o já tradicional objectivo — «prestar contas» e ao mesmo tempo, saldar uma «dívida», que é como quem diz: — apresentar o produto de um ano orfeónico de trabalho a todos aqueles, que, de algum modo se interessam por nós, e ao mesmo tempo dar satisfação, a todos os «Antigos Orfeonistas» que, de olhos postos nos actuais, além de poderem rever a sua mocidade, o seu Orfeão, poderão certamente concluir que os Orfeonistas de hoje alguma coisa fizeram para merecer o glorioso passado que deixaram.

Assim, nas breves perguntas que iremos fazer a um caloiro, ao Presidente do O. U. P. e a um «Antigo», é nosso objectivo deixar transparecer, a todos aqueles que porventura nos virão a ler, todo um «clima» deveras peculiar e sempre diferente, que precede um Sarau Anual.

A caloira Maria do Rosário Fernandes Reis Lima perguntamos: — Com que emoção esperas a realização do SARAU ANUAL?

— O que eu sinto acerca do Sarau Anual talvez não se possa generalizar aos demais: porque, além de já ter assistido como espectadora a Saraus anteriores (que sempre me deixaram boas recordações), já adquiri alguma experiência nas poucas récitas em que colaborei.

E assim espero que tudo concorra e me ajude a realizar o ambicionado «óptimo», neste espectáculo de tanta responsabilidade em que, como caloira que sou, pretendo provar a mim mesma que adquiri as qualidades indispensáveis ao bom nível artístico de um organismo tão prestigioso como o Orfeão Universitário do Porto, ao qual tenho a honra e orgulho em pertencer.

R E D A C T O R I A L

Aproxima-se a data de mais um Sarau de Gala do Orfeão Universitário do Porto.

Os nossos pensamentos, quase totalmente ocupados com a sua realização, não nos fazem esquecer mais esta hora, onde os «Antigos» irão rever-se no palco, onde os «velhos» contribuirão, pelas últimas vezes, para o sucesso do espectáculo e onde os caloiros começarão a cimentar saudades.

Na verdade, para todos, o Sarau Anual tem o seu significado acrescido de toda uma particular beleza, proveniente do contacto, de algumas horas, entre o passado e o presente.

A redacção da Revista «Orfeão», aproveita a oportunidade, para, em nome dos Orfeonistas de hoje, endereçar aos de «on'tem» um cordial e fraterno abraço.



Os Jograis do O.U.P. actuando

Seguidamente perguntamos ao Presidente do O. U. P., Manuel Jorge Castro Seca, a maneira como encara o Sarau Anual deste ano.

No presente ano e como é compreensível, encaro o Sarau Anual de uma forma completamente diferente da dos anos anteriores.

Enquanto nos anos transactos eu era uma peça da engrenagem do espectáculo, e a minha responsabilidade se limitava praticamente a uma boa actuação, no presente ano, tanto eu como os meus Colegas Directores, somos responsáveis perante um público exigente, pela qualidade do espectáculo em geral. Além disso o Sarau Anual representa também a actividade orfeónica de um ano, e em grande parte é em função dele que o trabalho de uma Direcção será julgado.

No que respeita ao espectáculo propriamente dito, não nos foi possível, por limitações de vária ordem, alterar profundamente o seu conteúdo.

E para terminarmos estas breves declarações, ouvimos um «Antigo» cantor de fados do nosso Orfeão, o Engenheiro José Óscar Pereira França, que nos disse:

Ao recordar o meu primeiro Sarau Anual, imediatamente me vem à memória o estado de espírito com que a ele me associei.

De início apoderou-se de mim uma descontração ilimitada, sentindo-me deveras feliz por actuar em frente de tal assistência. Chegado que foi o momento de todos os «Antigos»



O nosso Grupo de Fados e Guitarradas

subirem ao palco e, vendo-os abraçarem-se uns aos outros chorando, senti vontade de me rir, pois tal quadro me parecia ridículo.

Passados alguns segundos, qualquer coisa de bem diferente se passou em mim — tento concentrar-me, mas não consigo compreender...

Orfeonista

a redacção de «ORFEÃO»
aguarda a tua colaboração

DUAS CASAS onde tudo o que fabricam e vendem é bom

PRIMAR

FABRICA DE CONFEITARIA E CONSERVAS DE FRUTAS
Rua Mártires da Liberdade, 139-145

Lanches de alta classe para casamentos e outras festas

Rua do Carmo, 3-4-5 — Telefones: P.P.C. 25858-28458
P O R T O

Este meu procedimento, modificou-se totalmente no decorrer de cinco anos de Orfeonista, já que perfeitamente identificado com os problemas orfeónicos, pude compreender o alto significado de se ser Orfeonista de um organismo chamado Orfeão Universitário do Porto.

Na hora da minha despedida, revi todo aquele saudoso quadro do meu primeiro Sarau Anual e nesse momento, todo o meu profundo sentimento académico, levou-me a querer transmitir — aos novos — uma mensagem para o futuro.

No final de todas estas características declarações, podereis agora, caros leitores, imaginar o que se passa dentro de cada um dos Orfeonistas quando o pano da sala de espectáculos subir, para que o Orfeão Universitário do Porto realize mais um SARAU DE GALA.

Repórter M.

Corte Inglês

ELEGÂNCIA DISTINÇÃO E BOM GOSTO, EIS AS
CARACTERÍSTICAS QUE DEFINEM O HOMEM QUE
———— VESTE NO CORTE INGLÊS ————

Rua S. António, 140

P O R T O

Ritmo

DISCOS, ORGÃOS ELECTRÓNICOS, APARELHAGEM
PARA CONJUNTOS, ACESSÓRIOS PARA ELECTRÓNICA

Rua S. António, 107

P O R T O

Crónica

SÃO TOMÉ

ilha maravilhosa...

— por PINTO LEITE

PESCA AO CANDEIO

Como o prometer é dever, cá estou de novo para vos falar de mais uma das maravilhas em que é pródiga a bela ilha de São Tomé.

Vou hoje descrever o lindo quadro onde se desenrola a pesca, feita à noite e à luz de archotes, ao peixe-voador.

Há já muitos séculos arreigado nas gentes Santiomenses o hábito da pesca, novos e velhos dedicam-se todos os dias a esta faina. Assim é de facto, pois diàriamente a orla marítima se enche dos mais desconcertantes e variados pescadores, que ali ficam até que o peixe seja suficiente para as refeições daquele dia.

A outra espécie de pesca, feita com o auxílio de frágeis canoas, redes e outros materiais, tem atractivos muito diferentes.

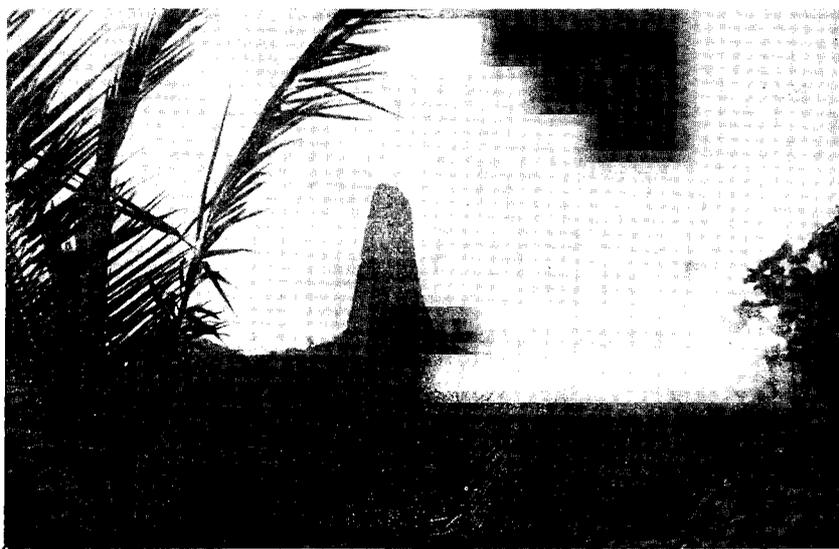
Mas diferente de todos os processos clássicos de apanhar peixe, destaca-se o da chamada «**pesca ao candeio**».

É praticada de noite durante os meses de Outubro e Dezembro com o auxílio de fortes archotes feitos de «andala» (nome dado às folhas de palmeira seca), embebidos em gasolina, um dos mais atraentes e variados espectáculos que se podem observar na ilha de S. Tomé.

Tive mais de uma vez a deliciosa oportunidade de contemplar na bonita praia do PANTUFO muito pertinho da cidade, este belo e magnífico quadro, quadro de rara beleza para os meus olhos bem pouco habituados ao colorido e à grandiosidade de tão extraordinária maravilha!

Os componentes do grupo piscatório encontravam-se na praia, junto das suas canoas alinhadas e munidos dos respectivos archotes. Ràpidamente foram acesos e os reflexos do seu fogo misturados com a espuma branca das ondas que banhavam a praia, dava a ideia colorida do arco-íris.

Uma canção começava a ser entoada e logo as canoas deslizavam empurradas pelos braços dos pescadores ao som deste cântico que marcava o compasso da música.



S. Tomé — A Natureza exótica

Na água, os pescadores saltavam para as canoas e começavam a remar, movimentando-se devagarinho enquanto se aproximavam uns dos outros. A luz dos archotes parecia crescer mágicamente convertida em dado momento numa única labareda. Era impressionante o contraste daquele clarão vermelho com o negro quase parado das águas do mar! As embarcações comandadas por vozes fortes, iam avançando continuamente, dispostas à volta umas das outras, formando uma espécie de roda, roda esta onde se fazia sentir uma abertura.

Entretanto em terra, na igreja junto à praia, onde uma lamparina iluminava a imagem de um Santo, mulheres e raparigas levantavam as suas preces, pedindo a protecção para os maridos e noivos.

Lá longe, no mar, a faina continuava e o cerco começava a fazer-se. O clarão luminoso que ia aumentando, excitava de tal modo o peixe-voador que, a saltar entre as chamas, ia cair, algum, dentro das canoas. Os cardumes espavoridos fugiam, enquanto se aproximavam sem dar conta da terra. Era nesta altura que começava o grande assalto. A luminosidade aumentava e os pescadores, em tronco nu e a gritar eufòricamente, remavam com afã para equilibrar a canoa, enquanto agitavam o archote. Era então que, o peixe, completamente encandeado, saltava para dentro das canoas ou era apanhado à rede.

em Orfeão

Espectáculo inédito este, pois a luz intensa dos archotes com a colaboração das figuras evolutivas das canoas, oferecia aos nossos olhos desenhos caprichosos, de beleza única!

Aproximavam-se, finalmente, da praia. Os archotes produziam agora menos luz, e os troncos nus e suados dos pescadores, apareciam mais nítidos. Na praia, homens e mulheres começavam a movimentar-se nervosamente. Quando chegava a primeira canoa, todos se dirigiam para ela para ver, com os seus próprios olhos, o resultado daquela pescaria. A canoa vinha cheia e uma alegria intensa resplandecia em todos aqueles rostos. Entretanto chegavam mais canoas e o pessoal que as esperava depois de as trazer para a praia, começava a encher os cestos e a transportá-los para as suas casas. No dia seguinte, depois de devidamente preparado, começava o trabalho da seca.

A lua parecia então, cooperar em todo este espectáculo, dando cada vez menos luz e a debandada, entre conversas alegres e gargalhadas eufóricas, principiava.

Do novo todas as canoas se encontravam alinhadas, na praia, e o silêncio nocturno, acompanhado da leve brisa marítima, regressava aquele lugar como que a convidar-nos ao repouso. Eu regressava também e, pelo caminho, renovavam-se na minha mente as imagens belas e maravilhosas, observadas naquela noite cálida mas suave do equador.



Assim se seca o peixe voador

Pinto Leite

Dicionários «EDITORA»

QUANDO NECESSITAR DE UM BOM DICIONÁRIO, TENHA SEMPRE PRESENTE ESTA ÓPTIMA COLECÇÃO DE DICIONÁRIOS «EDITORA»:

- **Dicionário de Português** — por J. Almeida Costa e A. Sampaio e Melo, com colaboração de diversos professores especializados.
- **Dicionário de Francês-Português** — pelo Dr. Olívio de Carvalho, Vice-Reitor do Liceu Alexandre Herculano.
- **Dicionário de Português-Francês** — pelo Dr. Olívio de Carvalho, Vice-Reitor do Liceu Alexandre Herculano.
- **Dicionário de Verbos Franceses** — pelos Drs. D. Virgínia Mota, Irondino Teixeira de Aguilár e Prof. Ernâni Rosas.
- **Dicionário de Espanhol-Português** — por J. M. Almoyna, Director do Colégio Oficial Espanhol do Porto.
- **Dicionário de Português-Espanhol** — por J. M. Almoyna, Direcção do Colégio Oficial Espanhol do Porto.
- **Dicionário de Inglês-Português** — pelo Dr. Armando de Moraes, Professor Metodólogo de Liceu Normal de D. Manuel II.

PEÇA-OS NO SEU FORNECEDOR OU À

PORTO EDITORA, LIMITADA

Rua da Fábrica, 84 — PORTO

EM LISBOA É DEPOSITÁRIA DAS SUAS EDIÇÕES

EMPRESA LITERÁRIA FLUMINENSE, LDA.

Rua da Madalena, 145

Rapariga de hoje... mulher de amanhã

«Ó mulher, tu não és apenas obra de Deus!
Também os homens te benzeram com a
beleza dos seus corações.

.....
.....
Tu és na verdade um mito; tens duas metades;
és mulher e és sonho!...»

Rabindranath Tagore

Ao iniciar a pequena conversa que quero ter convosco não pude deixar de recordar o maravilhoso poema de Tagore, que nos é dedicado. E faço-o para mostrar, a ternura, o carinho, o quase culto que aquele grande poeta dedicou à mulher.

Realmente a nossa época tem coisas extraordinárias, a técnica avança dia a dia e talvez, por isso, os valores que constituem as traves mestras da nossa sociedade estão a ser abalados e alguns mesmo em risco de sossobrem. Ora, quero fazer um apelo, uma chamada de consciência a todas as raparigas, quero lembrar-vos que nós temos um papel importante a desempenhar. O mundo encontra-se em crise — política, moral, económica, religiosa — os homens querem abarcar o máximo e procuram concretizar os seus fins da forma mais horrível — destruindo-se.

Precisamos pois, de nos lembrarmos que não poderemos permanecer inertes vendo ruir tudo à nossa volta. Todas sabemos que actualmente quase nenhuma RAPARIGA pode pensar em ficar em casa cruzando os braços. Todavia não nos poderemos esquecer também, que antes de tudo somos MULHERES.

Temos de agir, mas sempre com um sorriso nos lábios, espalhando a paz, a doçura, o carinho, à nossa volta.

Há hoje a tendência para se pugnar pelos direitos da mulher e não há dúvida nenhuma que a época da escravatura e inferioridade já terminou. É também verdade que há muitas mulheres com inteligência e capacidade iguais ou superiores a muitos homens.

Mas... não nos esqueçamos que não se trata de sermos superiores nem inferiores mas sim diferentes.

Por isso poderemos ocupar qualquer cargo na sociedade em que vivemos mas como mulheres, femininas, modernas e, sobretudo, conscientes. Não poderemos jamais deixarmo-nos despersonalizar. Somos solicitadas, é certo, por milhares de coisas novas e não há dúvida que como jovens que somos a primeira atitude é aderir àquilo que chega na última hora. Cautela porém, pois não é a moda que domina, mas sim as pessoas que a adaptam a si.

Temos de dar testemunho ao mundo; ele espera de nós uma resposta, certamente positiva e sólida e por isso mesmo não poderemos falhar.

Seremos sempre meninas nas atitudes, nos gestos, na maneira de ser e femininas no modo de vestir, de andar, de falar, em tudo! Sem dúvida é isto que conta.

Como vocês sabem a juventude é generosa — capaz das mais belas obras. Por isso temos que colaborar na elaboração da vida futura e a nossa melhor contribuição será dada pelos nossos corações cheios de ternura, de segurança, alegria e frescura. É preciso que construamos em terreno sólido e não em areia e, sobretudo, que não estraguemos a nossa vida nem a dos outros, pois ela é bela, cheia de maravilhas que alcançaremos desde que queiramos e para isso estejamos preparadas.

RAPARIGAS DE HOJE... MULHERES DE AMANHÃ — é difícil a nossa função, mas devemos amar o difícil, pois este é sempre nobre, grande e profundo.

Espero ter-me feito compreender e, por último, quero fazer um pedido a todas as RAPARIGAS do meu tempo:

— Sejam calmas e cristalinas como as águas de um lago, serenas como a brisa, sonhadoras como a lua, misteriosas como a noite, tranquilizantes como a música, símbolos da paz e do amor, enfim sejam MULHERES.

Maria do Carmo

ORFEÃO NA AMÉRICA



Orfeão nos E. U. A. — Regina College

II — *"De Danbury a Boston, passando por East Providence"*

Partimos de manhã com destino a Danbury, onde chegámos à noite. Assim, foi-nos oferecido um lanche para substituir o almoço desse dia. E para que este tivesse outro sabor, foi-nos igualmente oferecido um transistor, que por acaso ainda funciona!... Durante a viagem tivemos a oportunidade de poder conhecer a Academia Militar de West Point, quase que uma cidade, quer pelos seus edifícios e estradas, quer pelos seus divertimentos. Muito breve foi a nossa visita à Academia e ao seu magnífico Museu, que terminou com um autêntico jantar de gala onde nem sequer faltou o bom vinho. Perante tal amabilidade, impunha-se o nosso agradecimento, e este, traduziu-se num espectáculo, que sem sombra de dúvidas, constituiu o nosso segundo êxito em terras americanas. Continuando a viagem, chegámos finalmente a Danbury. Aqui, fomos imediatamente conduzidos ao Sport Clube Português, onde logo se tratou de proceder à distribuição dos Orfeonistas pelas famílias que nos iriam receber em suas casas. Gente bondosa, gente simples, cuidou de nós como se fôssemos da sua própria família.

No dia seguinte, 4 de Abril, fomos até Naugatuck para uma breve visita, almoço e actuação no High School local.

Teve um sabor especial esta visita a Naugatuck, feita em pequenos autocarros (poucos americanos, já se vê!), nas traseiras dos quais se podia ler: — School Children.

Após o almoço, tomado de pé no refeitório do liceu, demos mais um espectáculo, que agradou completamente à enorme assistência que a ele assistiu. De regresso a Danbury, de novo fomos obsequiados com um jantar no Sport Clube Português, tendo a ele assistido o representante do Governador do Estado de Connecticut e outras altas individualidades. Terminado este, e, como já vai sendo tradição, realizou-se um curto baile, que serviu para desentorpecer as pernas, já que a ordem para esse dia era — deitar cedo.

Assim surgiu o dia do Sarau em Danbury. Este realizou-se na sala do Elks House, que evidentemente se encontrava completamente cheia. O sucesso de mais este espectáculo pode muito bem avaliar-se pela prolongada ovação final, feita de pé, por toda a assistência. Ao espectáculo seguiu-se a já habitual ceia, durante a qual aproveitamos para nos despedirmos de toda aquela amável gente, pois no dia seguinte o rumo era East Providence, Rhode Island.

(Continua na pág. 15)



3 poemas

«INCERTEZA»

Um dia subi os degraus duma torre;
O mundo era pequeno, do cimo da torre.
Olhei para cima — eram grandes as aves
E as núvens passavam alegres, sem chuva!

Um dia desci degraus de caverna;
Os homens, lá dentro, pareciam gigantes.
Olhei em redor — não havia luz,
Cheirava a terra quente de verão.

Um dia passei na rua da Aldeia;
Aprendi teorias sabidas sem livros.
Os homens cantavam (sabiam cantar!)
E as mulheres ensinavam a arte de amar.

Passei na Cidade brilhante de sol;
Não havia pessoas — passavam os carros!
Sôzinho fiquei sentado, a pensar...
Na história que um dia eu ia contar.

Dentro de mim aquela revolta
Que comanda os passos inseguros do mendigo,
Não rebentou; sufocou de incerteza
E eu ouvi-a, lá dentro, baixinho, a chorar.

«CANÇÃO DA SONOLÊNCIA»

Aquela porta é tudo o que existe na vida
Ela e o seu tom castanho-escuro.
É nela que mergulho no após meio-dia
Sonolento e irritante no seu passo inseguro.

Que significa ela para ti, Amigo?
Já viste como tem círculos de esquecimento?
Segue-os com a vista — regressarás ao nada
Que é a tua entrada na realidade do sofrimento.

Amigo, amigo, eu amo aquela porta
Com os seus círculos castanhos e indistintos...
Nela mergulho o meu olhar do após meio-dia
Quando os sons confusos — muitos — se parecem
[com baladas...]

Aquela porta há-de morrer um dia
De eclipse
Sem sol nem lua.
Há-de morrer sem côr nem círculos
No dia em que ela e eu,
Esquecidos de sermos nós,
Seremos madeira e côr
Só.

«CÂNTICO DUM JOVEM»

Não nos mandeis calar!
Deixai-nos cantar nas casas e nas ruas
Ao frio e ao vento, o bom e o mau.
Não nos mandeis calar
Que calar é sofrer sem cura.
Deixai-nos cantar aqui e além
Onde os pobres sofram e os ricos riam.
Deixai-nos espalhar os cânticos de amor
De que gostais e não gostamos
De que gostamos e vós gostais
De que gostamos e não gostais.
Deixai-nos cantar, mesmo com lágrimas,
Que elas são canções de paz.
(Se nos calais quem cantará,
Se sabe bem que não há canção?)
Vinde cantar juntos connosco!
Cantemos todos ao vento, à chuva,
À dor, à fome, à neve, ao mundo.

Das nossas canções nascerá o sol
Que há-de brilhar na noite escura.
Vamos cantar?



de

E. OSÓRIO NUNES

O Sonho

do Nascituro

— por Eusébio Osório Nunes

Todo o nascituro tem um sonho: Não sei porquê, mas tenho a firme convicção que sim. É um sonho terrível, afinal, pois que é o último anterior à condição humana.

O meu tive-o no dia anterior àquele em que nasci.

Havia uma nuvem branca — era mesmo só uma nuvem — que me falou assim:

«Um dia, um homem e uma mulher zangaram-se; anteriormente, amavam-se. E zangaram-se porque o homem dormira com outra mulher. Então a primeira deitou-se para esquecer e sonhar. E sonhou tanto, tanto, que, quando acordou, o sol havia amarelado os seus cabelos. Daí, meu ser, o sonho desesperadamente amarelo de muitas mulheres. Vê-lo-ás, um dia!...

Agora, conto-te a história dos sonhos vermelhos: havia um casal de pombos com seu ninho, onde se revezavam na guarda dos filhotes. Numa das periódicas saídas, a fêmea afastou-se em demasia e entrou na área dos caçadores; um deles apontou-lhe e atingiu-a; gravemente ferida, o seu amor conseguiu levá-la ainda até ao ninho. Estendendo as asas, banhou-o com o seu rubro sangue até se extinguir. No sangue dormiram os filhos.

Vês a razão porque todo o mundo dorme no sangue? Sabê-lo-ás, um dia!...

Vou contar-te agora a história dos sonhos negros — os mais terríveis que os humanos têm: foi há muito, muito tempo, na era da escravidão indementida. Na selva, o escravo era o homem, o senhor a fera. Correndo, correndo, fugindo das feras, o homem encontrou lugar seguro numa caverna, junto do mar. Todas as manhãs vinha à entrada olhar para o seio das ondas. Numa delas, certo dia, viu vogar uma gaivota. Chamou-a de mansinho, tão de mansinho, que a ave, coitada, foi-lhe poisar na cabeça. Então ele, agarrou-a e pela primeira vez matou. Matou a gaivota e bebeu-lhe o sangue! Mas o sangue era tão negro que o homem nunca mais sonhou senão nas noites sem luar».

Conta-me agora história dos sonhos brancos — pedi eu à nuvem, estarecido na minha inconsciência de nascituro.

A nuvem respondeu-me: — a partir de agora não haverá jamais sonhos brancos para ti! Eu sou o último, não tenho história porque só existo uma vez.

E fez-se, a nuvem! Nasci no dia seguinte... a chorar!

Sapataria

BUENA

CALÇADO DE LUXO

Rua S. António, 128

Telefone, 34589

PORTO



PORTO

**BARROS
BRANDE**

Barros, Almeida & C.^a

O ENSINO

— crise e reforma de estruturas

(Continuação da pág. 2)

No que respeita ao ensino em si, ele continua, entre nós, a pecar pela sua estrutura rígida, pela falta de maleabilidade, pela obediência a programas fixos e extensos e, o que agrava a situação, na sua maioria, desactualizados.

Ao discutível conteúdo dos programas, acresce o facto de estes se realizarem em métodos e processos tradicionais que vinculam no aluno toda uma instrução livresca e dogmática, baseada na aula magistral, no professor soberano, na distância bem demarcada entre docentes e discentes, na memorização e na aceitação passiva das matérias leccionadas.

Não se pode desligar o educando da sua condição de cidadão, da sua qualidade de ser pensante e constituinte duma sociedade, e compete à Escola um papel activo nessas relações tendo em vista que, por não constituir um fim em si mesma, ela não pode alhear-se dos problemas e anseios da vida nacional.

Em particular, a educação deve criar qualidades de auto-disciplina, de cooperação e entreaajuda no trabalho, de liberdade de decisão e de criação, suscitando o espírito de iniciativa e de contestação, e o desaprochar das capacidades e potencialidades do aluno, dando-lhe oportunidade e direito de participar na



Nestas circunstâncias, o aluno é a máquina onde a capacidade de discussão é preterida em favor duma soma de conhecimentos desconexos, sem uma estrutura mental que os relacione e aglutine, de carácter tradicional e teórico e como tal desajustados, temporal e espacialmente, às realidades e necessidades da vida profissional e social dos nossos dias.

Não admira, então, que a mentalidade estudantil seja vincadamente receptiva, e não, como seria de desejar, prospectiva, num meio onde o diálogo, a contestação e o espírito de equipa estão ausentes e não encontram condições de germinação.

É indiscutível que o ensino deve orientar-se no sentido da formação de especialistas e de profissionais competentes e aptos a darem a sua colaboração à sociedade. Para isso, a instrução deve ser actualizada e dinâmica, maleável mas não supérflua. Mas isto não basta. Estas funções específicas não significam que a missão da Escola seja formar apenas técnicos «puros» abdicando de tudo o mais.

sua própria educação, ou seja, cultivando-lhe o sentido da responsabilidade.

Quanto ao aluno, ele é um ser de cultura medíocre e estrutura mental lacunar e desequilibrada, ignorando e confundindo escalas e valores, num alheamento que atinge mesmo, os próprios meandros da vida escolar.

O professor (incluído o universitário), enferma do mesmo mal. E o facto não surpreende, pois a sua preparação mais não é que o produto consumado da orgânica do nosso ensino, embora aqui a responsabilidade individual seja maior.

De facto, chega a ser chocante e desolador a falta de cultura e o baixo nível mental e intelectual que muitos deles revelam nos seus raros contactos com os alunos, a pobreza de atractivos das aulas que ministram, a falta de orgulho e de brio no desempenho

(Continua na pág. 16)

ORFEÃO

ponto de vista

Há duas espécies de pais: os que acham que os seus rebentos estudam demasiado e os que, pelo contrário, têm a impressão de que não estudam bastante.

— No meu tempo — dizem — os professores não eram como os de agora.

Evidentemente que no seu tempo era diferente, mas não é pelo ensino ter feito alguns progressos que devemos voltar para trás. Infelizmente, esta espécie de pais é a que abunda, continuando a lutar encarniçadamente contra a maior parte das reformas inteligentes.

— Estudei latim e o meu filho também tem o o direito de o estudar!

Estou a ouvi-los se, por acaso, fossem aceites algumas das minhas sugestões. Alguns seriam capazes de me linchar!

Aqui há tempos, dizia-me um desses pais: — Quando o meu filho fez cinco anos, eu e a minha mulher descobrimos, perto de casa, um colégiozinho particular muito jeitoso, onde o António Luís poderia fazer o necessário para o tirarem de lá.

Ao cabo de uma dezena de dias, minha mulher foi chamada pela directora do colégio, que lhe mostrou uma perna toda negra:

— Veja o que o seu filho me fez — disse-lhe.

— Veja os meus braços — reforçou a encarregada da puericultura.

— Estão cobertos de nódoas negras. — Não é tudo — continuou a directora — O António Luís recusa-se a tratar-me por «minha senhora», só me chama «a velha». Ontem, disse-lhe que ia comprar um chicote para lhe bater. Sabe o que me respondeu? — De acordo, velha, irei contigo escolher um bonito.

A santa criatura quase sufocava de indignação.

— Se a sua conduta não melhorar, não o poderemos ter aqui.

António Luís não tinha, porém, dado ainda tudo de que era capaz. Dois dias depois, descobriu que a comida não lhe convinha.

— Isto não é um pedaço de carne — disse. «Isto mete-se na cova de um dente. Quero comer mais».

Os outros pequenos, animados por ele, fizeram coro e, em breve, todo o refeitório estava insubordinado.

Que lhe batam ou a injuriem, a directora ainda

suporta; as que se manifestem contra a comida, isso não admite. No dia seguinte, o nosso agitador sindical de calções foi mandado embora.

— Por agora — escreveu a directora — é inadaptável a uma vida colectiva na qual se mostra um elemento perturbador.

Por mim, achei que o filho do meu amigo Doutor, pelo contrário, se adaptava muito bem à vida colectiva.

Bom, mas continuemos a ouvir o pai Doutor: — Isso não me contrariou nada, pois a escola do nosso filho significava para nós ter de acordar ao romper da aurora, o que nunca me agradou.

Por isso, no ano seguinte, lembrei que déssemos a António Luís uma preceptora. Esta passeava-o de manhã. Porque não havia de ficar mais meia hora para lhe ensinar a ler e escrever?

Meu filho não concordou e ao cabo de uma semana de gritaria tivemos de renunciar.

— Escuta, António Luís — disse-lhe uma nossa amiga — se me leres uma página inteira, dar-te-ei o que quiseres. Estás a ouvir? — Diz lá de que é que gostarias.

— Aquilo que gostaria mais — respondeu o nosso filho — é não ler a página.

Não havia nada a fazer. Procurava já consolar-me com a ideia de que era uma experiência a tentar: numa criança que não soubesse ler nem escrever poderia ser um caso digno de observação.

No verão passado, porém, recobri as esperanças: — António Luís começou a perguntar-me o que estava escrito nos letreiros das ruas e nas tabuletas dos estabelecimentos. A cada pergunta respondia-lhe: — Se aprenderes a ler, sabê-lo-ás.

O meu encantador filho resmungava ou batia o pé, mas começava a admitir que a leitura tinha alguma utilidade.

Quando chegou Setembro, pareceu-nos que estava maduro e matriculámo-lo na escola.

Um mês depois, recebíamos as primeiras notícias: — António Luís era o décimo oitavo, numa classe de trinta e seis, e a professora dizia que o menino prometia fazer progressos. Estávamos salvos: o nosso filho saberia ler e escrever, acabou por dizer-me o meu amigo Doutor.

E depois? — pergunto agora eu.

Ora, daqui até lá, é possível que reformem na realidade o ensino.

Estou cada vez mais convencido de que o segredo da pedagogia está aí. É preciso dar às crianças a impressão de ser útil aquilo que fazem. Não se lhes devem armar siladas como a que se deu num exame, ao perguntarem quantos passageiros poderia conter um autocarro, com tais e tais dados, e a solução do problema era 21, 48 pessoas.

Coisas destas levam as crianças a ter horror à Matemática.

Não concordam?! . . .

REPÓRTER M.

Orfeão na América

(Continuação da pág. 9)

Manhã cedo, largámos em direcção a Newport onde chegámos após um transbordo em Jamestown, onde tivemos de utilizar o ferry-boat. Maravilhosa a cidade de Newport, situada na orla marítima atlântica e recheada de luxuosas vivendas. Após a visita à cidade, chegou a hora do almoço que foi servido no Regina College, em Ochre Point.



Uma das nossas barracas na América
«Família Von Trap»

Depois de bem confortados com tão bom manjar, continuámos a viagem para East Providence. Aqui chegados, e, porque não houvesse alojamento para todos nós, alguns dos nossos dirigiram-se a Bristol.

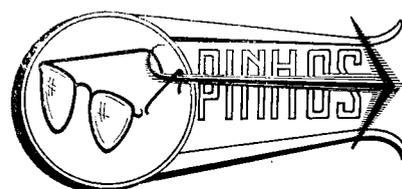
Na manhã do dia 7, após a visita à Brown University — de destacar a esplêndida biblioteca desta Universidade, onde existe um exemplar de

«Os Lusíadas», edição do séc. XVI — fomos recebidos na State House, pelo Governador do Estado de Rhode Island. A tarde desse dia decorreu calma e repousante. O mesmo não diremos da noite, que começou com a actuação no East Providence Senior High School, cuja lotação se encontrava esgotada havia uma semana, e, terminou... (é uma questão de imaginarem).

Terminou assim a nossa passagem pelo mais belo e mais pequeno estado americano. Para sermos sinceros, devemos esclarecer, que mesmo antes de continuarmos viagem, já sentíamos uma pontinha de saudade por deixarmos toda aquela gente que tão carinhosa e paternalmente nos tinha acolhido, aquando da nossa rápida passagem por suas terras.

Bom, mas a viagem tinha de continuar. Assim era efectivamente, só que agora o rumo a seguir era o último estado a visitarmos — Massachusetts — e a penúltima cidade a receber-nos — Boston.

A. Dias



ÓPTICA

RECEITUÁRIO MÉDICO

A. Leite de Pinho & Ca., Lda.

Rua Sá da Bandeira — Telef. 27791 — PORTO

Se és jovem
visita os

por-fi-ri-os

PORTO

LISBOA

LIVRARIA FIGUEIRINHAS

- LIVROS NACIONAIS E ESTRANGEIROS
- LIVROS TÉCNICOS — CIENTÍFICOS — ARTE

PORTO: Praça da Liberdade, 66

LISBOA: FIGUEIRINHAS, LDA.
Rua da Prata, 208-2.º

O ENSINO

— crise e reforma de estruturas

(Continuação da pág. 13)

da sua missão e a aflitiva carência de qualidades pedagógicas. Claro que existem excepções e brilhantes que importa aplaudir e apoiar.

Poderá parecer que as deficiências apontadas se fazem sentir da mesma forma, pelos estudantes de ambos os sexos. No entanto, o problema tem especial incidência no que respeita à mulher. E vejamos porquê.

Sendo na nossa sociedade, o papel da mulher de carácter fundamentalmente passivo, o seu acesso ao ensino está limitado por toda uma série de condicionamentos de ordem social. A participação feminina nas nossas escolas é muito pequena quer comparando-a com o elemento masculino, quer em valor absoluto, acusando o nosso país, em contraste com outros, uma baixa percentagem dessa participação. Por outro lado, grande parte das que prosseguem um curso ou uma licenciatura não exerce, depois, a sua profissão por razões várias, entre elas a falta de ambiente social para poderem competir eficazmente com o homem.

Assim, ao contrário do estudante do sexo masculino a quem é dada oportunidade de adquirir, posteriormente, na vida prática, a formação humana que não obteve durante o curso, a rapariga estudante não beneficia, pelas razões apontadas, dessa mesma possibilidade.

Há pois uma grave lacuna na cultura da rapariga portuguesa e há que lhe facilitar e incentivar o acesso ao ensino, a um ensino que deverá ser misto, de forma a libertá-la de inibições sociais e até psicológicas, dando-lhe uma dimensão igual à do homem

e que lhe permita competir com ele num plano de igualdade.

Vejamos agora o que é necessário fazer para resolver alguns dos problemas atrás equacionados.

1) Construção de edifícios escolares de ensino misto, airosos e espaçosos, centralizados, de preferência, em zonas amplas e calmas, e reunindo todos os serviços de assistência aos alunos.

2) Equipamento global dessas instalações em mobiliário e material didático moderno, de modo a tornar toda a actividade neles desenvolvida, o mais eficiente e confortável possível, e ainda a criação e planificação de toda uma actividade editorial que permita fornecer aos alunos os livros e publicações de que necessitam, segundo processos a que sejam estranhos monopólios e exclusivismos de autores, interesses comerciais, etc..

3) Selecção de um corpo docente suficientemente vasto e bem remunerado e a cujos professores, de preparação profissional completa, sejam dadas facilidades, e, claro está exigidas as responsabilidades inerentes, para se manterem actualizados com a evolução dos conhecimentos e com os métodos pedagógicos mais recentes. A questão dos vencimentos é de extrema acuidade, pois só com ordenados compensadores se pode evitar um desperdiçar e arruinar de vocações e qualidades.

É necessário ainda, criar condições que contrariem a cristalização de professores em lugares privilegiados, ou seja, impedir tudo o que se afigure a monopólios ou cargos vitalícios, de modo a facilitar a

SAPATARIA

GONÇALVES

CALÇADO ULTRA-MODERNO
MODELOS DE GRANDE DISTINÇÃO E NOTÁVEL
———— BOM GOSTO ————

Rua Santo António, 98

PORTO

PAPELARIA **abc** LIVRARIA

Vieira, Correia & Matos, Lda.

ARTIGOS DE ESCRITÓRIO — MATERIAL ESCOLAR
———— VALORES SELADOS ————

R. 19 n.ºs 213 e 215 — Telefone, 920099 — ESPINHO

renovação dos quadros, sempre que precisa, por elementos de real valor humano e profissional.

Será de considerar também, a criação de organizações associativas e cooperativas que defendam e apoiem os seus direitos e reivindicações.

4) Criação no âmbito do próprio ensino de actividades culturais e artísticas (em regime de obrigatoriedade condicional e parcial), como o desporto, o teatro, a música, o cinema, a dança, o jornalismo, etc., organizadas e subsidiadas pelas próprias escolas e abertas à participação de todos os alunos.

5) Proliferação das Associações de estudantes, a permitir a participação activa destes no ensino. E essa participação deverá ter tanto maior amplitude quanto mais elevado fôr o grau de ensino.

Serão as Associações as representantes legais dos estudantes, e será através delas que eles intervirão na gestão e planificação do ensino e na satisfação das suas reivindicações. Além disso, cabe às Associações todo o papel de esclarecimento e informação dos seus filiados, e todo o apoio à sua actividade escolar. Mais ainda: enquanto o ensino não cumprir a sua função formativa, pertence-lhes a difusão e o estímulo das actividades culturais nos alunos.

A UNIVERSIDADE
ORGANISMOS CIRCUM-ESCOLARES
INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA
A REFORMA NECESSÁRIA

No caso particular da Universidade, a ausência de actividades artísticas e culturais indissociáveis do próprio ensino, é parcialmente compensada pela existência de organismos circum-escolares autónomos.

Diga-se que o facto tem carácter de solução de

compromisso ou de recurso, na medida em que estes agrupamentos devem a sua criação ao esforço e iniciativa de alguns estudantes, intelectualmente mais inquietos.

O trabalho desses organismos incide, na sua quase totalidade, na prática do teatro, canto coral e música e dança populares. No entanto, eles não desempenham o papel que deveriam ter na formação do aluno, pois só uma minoria participa nas suas actividades, já que as características e exigências destes organismos não permitem um ingresso ilimitado ou livre, de interessados.

Por outro lado, a sua acção nos componentes é mais de camaradagem e convivência (aspectos importantes aliás), que propriamente de centro difusor de cultura.

Esta é a realidade dos nossos organismos circum-escolares, à parte alguns casos onde predominam elites (predominância que é ao mesmo tempo causa e efeito de si própria), e onde a actividade cultural é mais intensa.

Temos assim que a alienação e a confusão de valores que presidem à formação do universitário, se continua na própria vida da maioria dos agrupamentos artísticos-culturais da Universidade. Pode-se mesmo ir mais longe, estabelecendo um paralelo entre a sociedade civil e aqueles organismos. Deixa-se ao leitor a curiosidade e a surpresa de encontrar os pontos comuns...

Há um outro assunto a tratar e que interessa sobremaneira ao ensino superior: — a estruturação de uma investigação científica permanente e em ligação estreita com a Universidade (dentro ou fora dela), atraente e compensadora, onde os investigadores não sejam os carolas sacrificados pela glória da ciência..., mas profissionais bem remunerados, de acordo com a importância social e nacional do seu trabalho.

(Continua na pág. seguinte)

Lersan — MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO, L.^{DA}

- . ALCATIFAS DE LÃ
- . PAVIMENTOS PLÁSTICOS
- . REVESTIMENTOS DE PAREDE E TECTOS
- . ALCATIFAS PLÁSTICAS C/ BASE DE FELTRO

RUA SANTOS POUSADA, 658

TELEFONES, 53101/3 P. P. C. — P O R T O

O ENSINO

— crise e reforma de estruturas

(Continuação da pág. anterior)

A investigação científica tem uma missão fundamental de renovação e estimulante no ensino, para além de toda a sua importância como chave do progresso económico dum país. E à Universidade cabe uma parcela importante na «caça aos cérebros» e aproveitamento de aptidões.

Até aqui a investigação não tem tido a amplitude que deveria possuir. E a prova está a falta de escolas de pensamento científico e filosófico, de mestres e discípulos, coisas que só se vislumbram nas biografias de ilustres desaparecidos, que, de vez em quando, aparecem em letra miúda nas páginas dos compêndios...

Finalmente, a posição interveniente da Universidade na vida social e política do País. Acerca disto basta transcrever a 3.ª alínea dos objectivos da Universidade Portuguesa publicados em 1911 no «Diário do Governo», e que é de actualidade ideológica flagrante: «PROMOVER O ESTUDO METÓDICO DOS PROBLEMAS NACIONAIS E DIFUNDIR A ALTA CULTURA NA MASSA DA NAÇÃO PELOS MÉTODOS DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA».

No fim destas considerações importa reter um facto indiscutível: o papel capital do ensino na vida económica, social e cultural do País.

Numa altura em que se projecta a reforma do ensino superior, será bom ter em conta que a reforma da Universidade deverá ser a de todo o ensino, e que a remodelação deste será, por sua vez e fundamentalmente, uma reforma de estruturas.

Enquanto não se compreender esta realidade, tudo aquilo que se faça, pouco mais será que estagnar e marcar passo na parada, o que, pela relatividade do movimento e vistas bem as coisas, será afinal andar para trás numa altura em que o mundo anda cada vez mais, e decididamente, para a frente.

JAIME DE SOUSA OLIVEIRA

INFORMAÇÃO

DO

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO NACIONAL

Durante o ano de 1968 o Centro de Medicina Desportiva do Porto (Sector Escolar e Universitário) teve um grande movimento clínico, que se pode definir pelos seguintes números:

Exames de avaliação	1 192
Exames de controle	141
Consultas	1 350
Tratamentos	12 952
Exames complementares	4 489
Movimento operatório	40

SECA & C. A L. DA

- . CAIXILHARIA DE ALUMÍNIO ANODIZADO
- . ESTRUTURAS METÁLICAS
- . CANDEEIROS ELÉCTRICOS

RUA ANSELMO BRAANCAMP, 517 — TELEFONES: 50118-50119-50110

PORTO — PORTUGAL

O Corpo e as vozes

Estas vozes...
Ah! estas vozes!...
Deixai-as cantar
que eu estou com elas!

(ao O. U. P.)

É uma cantiga que se presente ao longe e cresce de súbito um tropel de sons que batem de frente e entram no peito e então explodem na boca deixando no rosto esta luz velada de mãos que se prendem em segredos de dedos entrelaçados e os cabelos para trás o perfil elevado o cabelo que rouba aos olhos outros olhos abertos os braços fechados em ombros redondos e os passos agora correndo aos pares a tentação do voo sobre o abismo que é o chão nesta linguagem de pés em ritmo louco num espaço redondo sem princípio nem fim um salto outro outro e mais outro o gesto impossível a queda para cima e então o corpo suspenso a palidez da memória perdida uma grande roda de amigos ah companheiros amigos um dois tantos um abraço enorme um só para todos e pelo meio era sempre aquele fogo cruzado dos olhos por vezes intenso nas trincheiras dos ombros a deixar os lábios vermelhos e trémulos quando o calor do corpo estava mais perto então copiamos os gestos falamos e rimos dançamos e contamos histórias de tempos passados e houve quem risse e houve quem chorasse enfim voltamos a viver nesse tempo os olhos de cada um eram livros fechados e às vezes tristes até e deles restava a cor ou o brilho das pupilas e o prefácio do rosto o resto era o bulício da

música e dos corpos o silêncio conseguido dum abraço e depois de súbito o fogo frio terrível a vertigem da razão o vazio do caminho que nos prende de novo a música a perder-se lentamente a fugir dos ouvidos ao longo dos braços caídos suados dos corpos calados e quentes das cinzas do amor pouco a pouco esta cantiga a correr para longe a memória a escutar um eco repetido ou inventado um eco a assaltar-nos a pele a vibrar na garganta com um gosto saturado de saudade desta roda quase parada de bons companheiros de vozes perdidas nos lábios depois o tempo passou ou talvez não e eu recorde-me de ver à minha frente o mar eu tinha o corpo salgado pousado num abraço raivoso de terra e águas a parecer uma praia serena a cabeça nas mãos os olhos na areia o meu pensamento era uma gaivota perdida entre o mar e a terra eu sabia que o amor e o destino faziam fronteira na linha de espuma mas desconhecia de que lado estavam então desesperava por não saber onde pousar a minha esperança a certa altura cheguei mesmo a descobrir dois rios na areia mas ao fechar os olhos senti que as águas eram minhas então compreendi quando a noite veio a fúria dos elementos a verdade de forças estranhas a encaminhar os meus passos covardemente na escuridão sim mas o meu peito abriu-se à força de vozes amigas e para elas deixei um poema escrito no vento para que saibam amanhã quando o sol nascer que eu quero que cantem pois estou com elas mesmo quando eu partir e o meu canto for triste como uma melodia de solidão.

JAIME

Maestro GUNTHER ARGLEBE

(Continuação da pág. 3)

Importa ainda referir, que como Director de Orquestra, foi nomeado Maestro convidado permanente da Orquestra de Câmara de Wurzburg, com a qual dirigiu os primeiros concertos na Alemanha.

E, para terminarmos estas despretensiosas palavras, que na sua singeleza são uma tentativa de biografia artística do nosso actual Regente, aqui deixamos bem expresso, o nosso desejo de muitas felicidades, tanto para a sua vida profissional, como para os êxitos, que por certo o Maestro Gunther Arglebe conseguirá, à frente do Coro do Orfeão Universitário do Porto prestigiando assim, e cada vez mais, a nossa Universidade.

Mat. Cir. C. Soares, Lda.

P. Parada Leitão, 21-23
(Junto à Universidade)

Telefone, 28682
P O R T O

HIGIENE ALIMENTAR — ALIMENTAÇÃO RACIONAL
NUTROLOGIA SOCIAL — DIETÉTICA APLICADA

PEÇA ESCLARECIMENTOS

Num consultório

- Doutor, quando me ponho a pensar fico ruborizada.
Que me aconselha?...
—Pense noutra coisa.

Conversa entre esposos

- Querida, vê como está bonito o nosso cão!
—Está sim, mas eu é que tenho de levá-lo à rua todos os dias. Não disseste que o ias vender?...
—E vou, só espero comprador. É fácil vendê-lo pois é um cão tão inteligente como eu.
—Fala baixo, não digas isso a ninguém senão não o consegues vender.

Para quem desejar saber mais...

Esqueleto

O esqueleto é uma pessoa que mostra o seu interior e cujo exterior se perdeu. O esqueleto deve ser limpo do pó todas as semanas.

Se não tivéssemos ossos, ficaríamos chatos e moles como uma lesma.

Para ter uma boa ossificação, é preciso evitar as atitudes, viciosas.

Os principais ossos do esqueleto são: os das nádegas e do crânio, a ténia, o feto, as canículas, o cúbito e o negos. Os ossos dos braços são o úmero, o rádio, e o oremos. Os ossos da perna são a tibia e os pirinibus.

A coluna vertebral sustenta as costas e contém a medula espinhosa.

Os acidentes que podem acontecer aos ossos são: a entorse, a fractura e a luxúria.

Podemos ter uma entorse num anelho no pulso ou em qualquer outro membro. O osso sai então da sua caixa e fica à solta.

Em caso de fractura, é preciso mergulhar o membro em água fria: a soldadura faz-se imediatamente. Se não se fizer, deve chamar-se o médico. Se ele não encontrar nada, deve chamar-se outro médico, mas isso fica mais caro.

A fractura manifesta-se por uma decoração violenta por baixo da pele. O médico recebe, geralmente, mensagens.

Máximas

—O mundo está cheio de gente com vontade de trabalhar.

—Uns com vontade de trabalhar.

—Outros com vontade de que eles trabalhem.

—O que tendo razão não cede, é um homem de carácter.

—O que tendo razão cede, é um homem cansado.

—O casamento é o sonho de homem livre e a Liberdade é o sonho do homem casado.

—A vida é tão amarga que às vezes abre a vontade de comer.

m
i
s
c
e
l
â
n
e
a



calça pelo mundo

Supermercados de Calçado

Especial para estudantes—SORTEIO DE UMA VIAGEM A LONDRES OU PARIS, À ESCOLHA DO CONTEMPLADO, COM ESTADIA DE UMA SEMANA E TUDO PAGO. A VIAGEM SERÁ FEITA DE AVIÃO E PARA DUAS PESSOAS.

OS TALÕES DE CAIXA DE CADA 150\$00 DE COMPRAS EM QUALQUER DOS SUPERMERCADOS BRUNO DEVERÃO SER TROCADOS POR UMA SENHA NUMERADA QUE HABILITARÁ A ESTE SORTEIO.

ENDEREÇO DOS VARIOS SUPERMERCADOS:

PORTO:

Rua da Constituição, 554
Ruas dos Clérigos, 80
Rua do Heroísmo, 182
Rua Oliveira Monteiro, 1081
Rua Júlio Dinis, 829
Rua do Bonjardim, 517

AREOSA:

Rua D. Afonso Henriques, 283

MATOSINHOS:

Rua Brito Capelo, 577

ESPINHO:

Rua 19, n.º 370

PÓVOA DE VARZIM:

Rua Dr. Sousa Campos, 9

SANTO TIRSO:

Centro Cívico, 15

VIANA DO CASTELO:

Rua Manuel Espregueira, 131

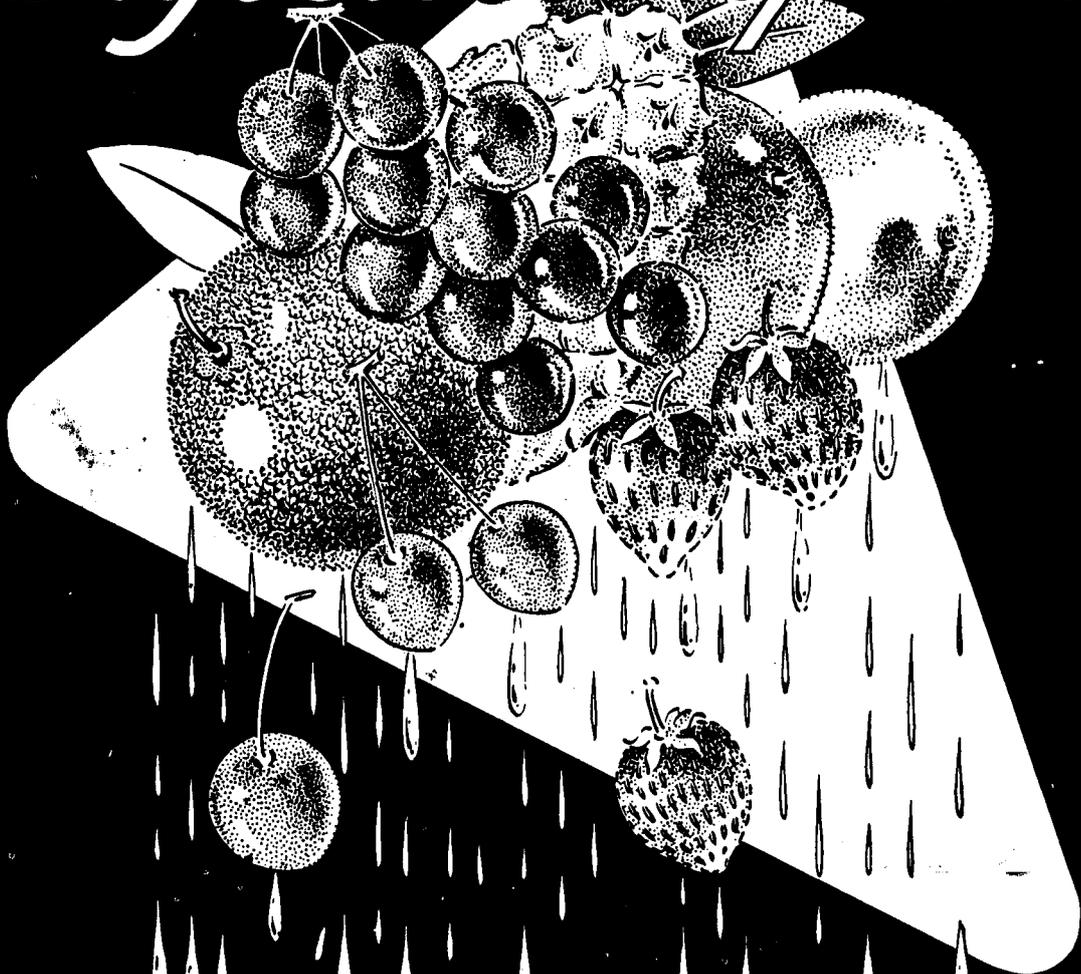
BRAGA:

Avenida Marechal Gomes da Costa, 459

FAMALICÃO:

Praça 9 de Abril, n.º 21

Digestões difíceis



SALAY

Bial

SAIS DE FRUTOS